

A facilitação gráfica como técnica narrativa e de comunicação a serviço de práticas agroecológicas de cultivo de alimentos¹

Izabel Marques Méo²
Universidade Metodista de São Paulo, SP

Resumo

Dentro do escopo da narração e comunicação como produção cultural de uma sociedade, o presente trabalho tem o objetivo de traçar semelhanças entre a conceituada Jornada do Herói de Joseph Campbell e o vídeo - “Não Planto Transgênicos para não apagar minha história” - produzido pela AS-PTA, uma associação de fomento à agroecologia. Para isso, investigamos o que é facilitação gráfica, técnica pela qual o vídeo foi produzido, estudamos as etapas da Jornada do Herói e também resgatamos um pouco da situação da agricultura transgênica e agroecológica no Brasil. A partir destes insumos, observamos que a técnica da facilitação gráfica aliada a uma forma de narração consagrada, traz resultados positivos no compartilhamento de informações e empoderamento de grupos e indivíduos.

Palavras-chave

facilitação gráfica, jornada do herói, agroecologia, comunicação, comunicação rural

Introdução

Em agosto de 2013, a autora do presente artigo esteve presente em dois momentos muito pertinentes. Pela primeira vez um grupo de pessoas que trabalhavam com justiça alimentar ouviram falar sobre “A Jornada do Herói”, de Joseph Campbell; e também foi a primeira vez que este mesmo grupo pôde entender o que é a técnica da facilitação gráfica. Isso tudo aconteceu durante um processo de aprendizado da Escola de Ativismo. Neste espaço, foi possível trocar experiências com outras pessoas que trabalhavam em organizações não governamentais relacionadas à alimentação. Desde a plantação até o consumo. Não à toa o processo é chamado “Semeando Ativismo” e reúne profissionais da comunicação ligados a grupos que trabalhavam com segurança alimentar.

Agroecologia é uma ciência dedicada ao modo de pensar e fazer a agricultura que rejeita sementes geneticamente modificadas e agrotóxicos. Ao contrário do que possa parecer, não é uma tática “atrasada” que protela o progresso e sucesso da agricultura. Ela traz consigo alta carga de conhecimento ancestral e tecnologias que não agridem o meio ambiente, ao contrário, o fazem mais forte e rico (OXFAM, 2012).

Um vídeo de 2012 produzido pela Oxfam Brasil, dentro da Campanha Cresça, juntamente com a ANA - Articulação Nacional de Agroecologia, foi a porta de entrada da autora para esse assunto. Além de destruir três mitos, o vídeo permite a reflexão

1- Trabalho apresentado no DT6 – Interfaces Comunicacionais do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

2- Mestranda do Curso de Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: izabel.meo@gmail.com

sobre a imagem do agricultor pela comunidade urbana. Seria uma pessoa toda vestida e encapuzada espalhando “fertilizante” na terra, seria uma enorme colheitadeira passando por toda a plantação? Ou seriam pessoas em contato com a terra, vestindo roupas apropriadas ao clima e com instrumentos manuais?



Figura 1 - Frame do vídeo “Três Mitos que você sempre ouviu sobre agroecologia”.

Muitas percepções foram alteradas após o contato com profissionais que trabalhavam com agricultores familiares, sindicatos de profissionais da terra, polos e redes de fomento ao saber agroecológico, facilitadores de redes de troca de sementes “crioulas” - aquelas que são puras, não tiveram contato com fertilizantes químicos, agrotóxicos ou outras sementes geneticamente modificadas - associações de produtores orgânicos e outros grupos de diversas partes do Brasil.

No processo de aprendizagem facilitado pela Escola de Ativismo, em caráter único, a autora teve oportunidade de relacionar o ativismo e suas diversas formas com outras maneiras de comunicar. Comunicar por texto, por imagem, por voz, por rádio novela, por vídeo, desenho, contando uma história. Assim como os saberes populares de manejo solidário com a terra passam de boca em boca, as formas de comunicar e fazer ativismo foram passando de boca em boca.

As oficinas mais marcantes e reflexivas tratavam sobre Jornada do Herói e sobre facilitação gráfica. O vídeo de Matthew Winkler fez a introdução ao autor Joseph Campbell:



Figura 2 - Frame do vídeo “O que compõe um Herói” do TEDed 2012.

O material explica de modo resumido as 12 etapas da Jornada do Herói, construídas por Joseph Campbell em suas obras ao longo dos anos. O narrador e roteirista do vídeo, Matthew Winkler, usa exemplos de filmes e livros, como Harry Potter, Jogos Vorazes e O Senhor dos Anéis para iniciar a jornada de um personagem modelo, curiosamente, na animação, um agricultor. Ao final do vídeo o espectador é chamado a refletir sobre seu papel como herói de sua própria vida, como desafios diários podem fazer parte de uma grande jornada. Naquele processo de aprendizagem em 2013, os presentes foram estimulados a pensar como era a jornada das organizações onde trabalham: se eles fossem heróis de suas histórias que papel caberia a organizações parceiras, funcionários e governos? Os participantes refletiram onde suas organizações, e suas equipe, estariam a cada mudança de leis, tragédias e invenções tecnológicas.

Em uma tarde, aquelas pessoas puderam contemplar suas histórias de uma forma nova, e na manhã seguinte, aprenderam a desenhar esta história por meio da facilitação gráfica, ou seja, resumos ilustrados com o essencial de uma aula, palestra, curso, oficina, filme, debate ou livro. Um exemplo de facilitação gráfica é o trabalho de relatoria ilustrada realizado durante o III Encontro Nacional de Agroecologia, em 2014, após aquele processo de aprendizagem.

Todas as facilitações gráficas estão disponíveis nos anais do evento. A seguir um exemplo:



Figura 3 - Facilitação Gráfica da plenária Sertão do Araripe, feita por Muriel Duarte.

Após o Semeando Ativismo, houve uma mudança na forma de comunicação entre os agricultores e as associações de fomento à agroecologia. Outro exemplo, além da relatoria do III ENA, é a campanha “Não Planto Transgênicos Para não Apagar Minha História”. Criada pela AS-PTA, que busca uma forma eficaz de mostrar aos agricultores porque e como não usar sementes geneticamente modificadas em seu roçado. É sobre os símbolos desta campanha que iremos falar neste artigo.

Comunicando por imagens - O que é Facilitação Gráfica

O Brasil tem 27% de sua população entre 15 e 64 anos de analfabetos funcionais. Em 2001 e 2002, esse número era de 39%. Na zona rural são 41%. Essa característica não

impede que a população altamente conectada consuma conteúdo, seja ele noticioso e entretenimento. O *Youtube*, maior e mais famosa plataforma de conteúdo em vídeo do mundo, tem mais de um bilhão de usuários, quase um terço dos usuários da *Internet* no mundo. Ele atinge mais adultos de 18 a 49 anos que qualquer rede a cabo nos Estados Unidos da América, sendo mais da metade das visualizações - 6 bilhões de horas ao mês - feitas em dispositivos móveis. A cada minuto 100 horas de conteúdo são adicionadas ao site. (MEO, 2016) Um tipo de produção que vem ganhando espaço são as animações “desenhadas ao vivo”, ou simulando essa prática. Grupos de mídia, grupos independentes, pessoas físicas e até organizações não governamentais têm investido em produzir conteúdo dessa maneira. Na agroecologia, prática agrícola que retoma os saberes populares e uma tecnologia sem organismos geneticamente modificados e agrotóxicos em suas culturas, a comunicação por imagens vem sendo usado há algum tempo, seja em forma de vídeo, seja de forma estática, em murais, cartazes e anotações de oficinas.

Por trás destes vídeos animados existe uma técnica criada nos anos 70 nos Estados Unidos por David Sibbet, um administrador e empreendedor que buscou na rotina dos designers uma maneira de resolver os problemas das empresas e seus administradores. Fazendo uso de desenhos, palavras-chave e *post-its* (pequenos pedaços de papel auto-adesivos que podem ser colocados e re-colocados diversas vezes numa superfície), Sibbet criou uma ferramenta versátil e de fácil entendimento que poderia ser aplicada em diversas áreas, sempre com o objetivo de registrar e explicar melhor alguma coisa. (MEO, 2014). Sua teoria é que se os grupos conseguem ver padrões diferentes em seus pensamentos, eles ficam mais inteligentes. Essa é a importância da linguagem e do pensamento visual para a facilitação gráfica.

Antes de escrever uma de suas obras mais famosas, *Reuniões Visuais*, Sibbet foi facilitador de processos na Apple. Lá o autor pôde criar um *workshop* de interface gráfica do usuário, algo que fizesse tanto sentido no mundo real quanto o que a empresa vinha fazendo com computadores. Para o evento foram planejadas molduras, mas a imagem central não era preenchida. Ao longo do evento os participantes faziam isso. Em alguns casos, como o da abertura que era o caminho até o cume de uma montanha representando a jornada, esses quadros eram metáforas, em outros, modelos reais de gráficos e estruturas. Já neste exemplo nota-se a ligação com a produção editorial, os gráficos de programação gigante (localizados nas paredes) eram os mesmos dos folhetos que entregaram aos participantes. (SIBBET, 2013)

Marcelo Firpo Porto descreveu o diferencial que uma facilitação gráfica pode trazer para um evento, em seu artigo sobre o que vem sendo feito para enfrentar a tragédia ambiental em Mariana (MG):

A partir do que também é chamado de “colheita” de informações, relatos significativos são transformados por facilitadores sensíveis em imagens que potencializam a capacidade de compreensão de realidades e temas mais complexos e a organização de ideias. Em vez de ler ou ouvir um relato, trata-se de vê-lo, senti-lo, saboreá-lo. (PORTO, 2016, volume 68. p.2)

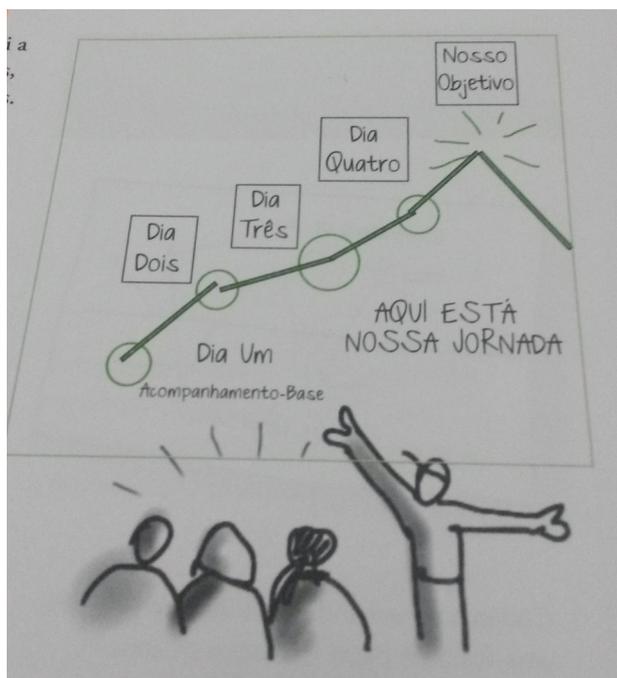


Figura 4 - Demonstração do “cume da montanha” criado por Sibbet para o evento da Apple. Imagem disponível no livro “Reuniões Visuais”, página 5

Como aponta Mininni (2008), informar é um efeito (também econômico) voltado a conservar e, ao mesmo tempo, renovar a organização histórico-cultural de uma comunidade. Por isso, quanto mais e melhores ferramentas para colocar pessoas em contato com culturas, melhor.

Facilitação Gráfica e seu valor real

Há registros acadêmicos dos benefícios na facilitação gráfica para a geração de conteúdo coletivo, inclusive na agroecologia. Em 2011, um artigo publicado na revista científica AtoZ (Curitiba-PR), investiga as contribuições de metodologias que estimulam o compartilhamento de conhecimentos no Fórum Global GFAL (Global Forum América Latina) que, no Brasil, é promovido pela Federação das Indústrias do Estado do Paraná – FIEP.

A Facilitação Gráfica é utilizada no processo da Investigação Apreciativa e durante todo o encontro do GFAL, para registrar o conhecimento que está sendo compartilhado pelos participantes, ajudando a retratar sobre o que está sendo explicitado pelos grupos e para que as pessoas se vejam dentro do processo e o que podem, efetivamente, contribuir. Esta metodologia ajuda de maneira simples e clara no gerenciamento das informações e conhecimentos compartilhados durante o Global Forum América Latina, usando linguagem gráfica consistente em formato de desenhos por meio de documentos (DRAGO, 2011).

Em 2015, um trabalho apresentado na XV Semana Científica Johanna Döbereiner - Solo Ciência e Vida, destacava como a facilitação gráfica pode ser uma ferramenta de construção agroecológica.

O uso da facilitação gráfica na agroecologia acontece a partir da demanda identificada em criar ferramentas que visem equiparar a compreensão do conteúdo entre os atores envolvidos, e também de dialogar com diferentes públicos. (SANTANA, 2015)

Sobre o mesmo tema, alunos da Universidade Federal do Vale São Francisco (UNIVASF) e do Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertão) apresentaram no IX Congresso Brasileiro de Agroecologia sua avaliação do uso da facilitação gráfica enquanto instrumento mediador da aprendizagem na “Formação de ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural) para Atuação Participativa na Perspectiva Agroecológica” e enquanto instrumento a ser apropriado pelos extensionistas na condução e sistematização de ações desenvolvidas junto às comunidades.

O uso de esquemas, desenhos e ilustrações coloridas facilita a aprendizagem, possibilitando a acomodação de novos conceitos aos mapas conceituais individuais dos participantes conforme relatos também registrados nos painéis. Em grande parte dos comentários, a facilitação foi pontuada como ferramenta para compreender os assuntos abordados, os desafios colocados, as técnicas a serem utilizados, os caminhos que a extensão deve seguir nos Território do Sertão do São Francisco Baiano e Pernambucano (PEBA). A facilitação apoia também aos coordenadores do processo de formação, bem como pode instrumentalizar os técnicos enquanto metodologias participativas nos processos de intervenção junto às comunidades em que atuam. (CARVALHO NETO, 2015)

A Jornada do Herói

O Herói de Mil Faces é um dos livros de Joseph Campbell, aclamado estudioso norte-americano. O livro foi publicado originalmente em 1949 e teve sua primeira edição brasileira em 1989, dois anos após o término da gravação de sua famosa entrevista-documentário para Bill Moyers no Rancho Skywalker de George Lucas, e também da morte de Campbell, aos 83 anos.

O conhecimento cultural de Campbell, adquirido em anos de pesquisas sobre os mitos de inúmeras sociedades, permitiram que formulasse ideias originais sobre a similaridade entre os povos, em sua relação com o cosmos. Estas noções estimulam a busca por uma nova forma de interpretação da gênese humana. (PEDRO, 2012)

Em O Herói de Mil Faces, o autor nos mostra como todas as histórias são uma só grande história, baseadas em um só mito e um só Herói, que adquire diferentes faces conforme as características do povo de onde o mito originou-se (PEDRO, 2012).

Joseph Campbell conduz o leitor à busca da felicidade dentro do próprio ser. Não toma uma visão maniqueísta do mundo porém, apoiado na experiência dos mitos da

humanidade, defende que a vida é composta de valores opostos, dentro de uma mesma realidade – tudo com suas importâncias específicas. (PEDRO, 2012)

Na primeira parte do livro, Campbell explica o quanto o mito faz parte dos seres humanos e suas relações, como por exemplo uma batalha a ser vencida, ou um monstro a ser derrotado.

Os símbolos da mitologia não são fabricados; não podem ser ordenados, inventados ou permanentemente suprimidos. Esses símbolos são produtos espontâneos da psique e cada um deles traz em si, intacto, o poder criador de sua fonte. (CAMPBELL, 2013, pg. 16)

Após a análise de diversos mitos, Campbell cunhou as 12 etapas da jornada do Herói. Sua primeira denominação, mais clássica, não é a mesma dos vídeos e livros encontrados na *internet*, foi preciso analisar e destrichar ainda mais os estudos do autor para facilitar cada etapa aos leigos. As etapas são:

1. O chamado à aventura
2. A recusa ao chamado
3. Auxílio sobrenatural
4. Passagem pelo primeiro limiar
5. O ventre da baleia, ou passagem para reino da noite, ou ida ao Inferno
6. O caminho de provas
7. O encontro com a Deusa - ou infância recuperada
8. Mulher como tentação - destino de Édipo
9. Sintonia com o pai
10. Apoteose
11. Benção última
12. Volta à realidade

O vídeo de Matthew Winkler, citado acima, resume as etapas em:

0. Situação atual
 1. Chamado à aventura, uma mensagem ou um desafio
 2. Ajuda de alguém mais sábio, experiente
 3. Partida do seu mundo/ realidade
 4. Testes, enigmas, batalhas...
 5. Maior provação, ou medo, do Herói
 6. Crise e Renascimento
 7. Recompensa, um tesouro ou algo que vá ajudá-lo muito
 8. Resultado, uma maneira nova de enfrentar os desafios
 9. Retorno para seu mundo
 10. Nova vida após retornar
 11. Resolução, provavelmente com a recompensa da etapa 7
 12. Situação atual, porém diferente de antes

Campbell baseou-se nos mitos antigos, de deuses gregos e até na Bíblia para compor a primeira nomenclatura da Jornada. Na comparação com o vídeo “Não Planto Transgênicos para Não Pagar Minha História” serão tomadas as terminações de Winkler.

O contexto da campanha “Não Planto Transgênicos para não Apagar Minha História”

Alimentos transgênicos são geneticamente modificados com a alteração de seu código genético, inserindo-se genes provenientes de uma espécie em outra. Este procedimento pode ser feito até mesmo entre organismos de espécies diferentes, como animais e plantas, plantas e bactérias, bactérias e animais e microrganismos e etc. Os alimentos que sofrem este tipo de mutação de forma não voluntária, ou seja, em laboratório, quando em contato com a dieta dos seres vivos (animais e humanos) podem provocar: aumento de alergias alimentares, aumento da resistência a antibióticos e aumento do “trânsito” de substâncias tóxicas, uma vez que o uso de sementes modificadas artificialmente não reduziu o uso de agrotóxicos, ou pesticidas no Brasil. (IDEC, sem data) Contudo, no Brasil o uso de agrotóxicos mais do que dobrou entre 2002 e 2012. (IBGE, 2015)

Há mais de dez anos entidades, organizações não governamentais (ONGs) e ativistas vêm trabalhando diariamente para barrar leis e o apoio do governo às empresas que detêm a produção e venda de sementes geneticamente modificadas, e aos chamados “ruralistas” - empresários detentores de grandes áreas de produção agrícola, geralmente monoculturas de milho, soja, cana e pasto para gado. Entretanto, somente esta prática denominada *lobby*, ou *advocacy*, não surte resultado. É preciso conscientizar consumidores e pequenos agricultores dos riscos do uso e cultivo de sementes transgênicas. Ainda que milho e soja sejam usados na alimentação de animais e a cana como combustível, o vento e os instrumentos agrícolas podem contaminar outras culturas que não sofreram a mutação em laboratório.

É neste pequeno, porém importante, pedaço da história dos transgênicos no Brasil que ONGs como ActionAid, AS-PTA e o Polo da Borborema desenvolveram um trabalho de base e conscientização para a agroecologia. A ActionAid é uma organização não governamental internacional que trabalha pelos direitos humanos e superação da pobreza. A AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia é uma associação de direito civil sem fins lucrativos que, desde 1983, atua para o fortalecimento da agricultura familiar e a promoção do desenvolvimento rural sustentável no Brasil. O Polo da Borborema é uma articulação de quatorze Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, localizados na região do compartimento da Borborema, na Paraíba.

Para conter a possível contaminação por sementes transgênicas das lavouras de milho do Polo da Borborema, a Rede de Sementes e a Juventude Camponesa da região criou uma campanha para demonstrar aos agricultores como proteger suas sementes “crioulas”, ou seja, puras, que não tiveram contato com plantas geneticamente modificadas em laboratório.

A campanha denominada “Não Planto Transgênicos para não Apagar Minha História” conta com um vídeo de 4 minutos e 47 segundos, disponível no Youtube, e que foi divulgado nas redes dos agricultores, online e offline. O vídeo, produzido no formato de animação, visa alertar os agricultores das formas e os riscos de contaminação do milho não- transgênico.

Na animação podemos observar elementos gráficos que mostram a preocupação dos criadores com o entendimento e identificação de quem assistiria a peça. Na forma como as imagens foram feitas, identifica-se o uso da técnica da facilitação gráfica, e na narrativa da campanha, elementos da Jornada do Herói, de Joseph Campbell. Neste artigo, será analisado como essas duas características contribuem com a campanha pensada pelo Pólo da Borborema e pela AS-PTA.

A região de Borborema, uma das quatro mesorregiões da Paraíba, realiza o Programa de Desenvolvimento Local do Agreste da Paraíba, concentrado em 15 municípios. O programa tem por estratégia principal apoiar o aprimoramento das capacidades técnicas, metodológicas, sócio-organizativas e políticas das organizações vinculadas ao Polo para a formulação, defesa e execução de um projeto de desenvolvimento rural na região baseado nos princípios da sustentabilidade socioambiental por meio da agroecologia. O Polo da Borborema é formado por uma rede de 15 sindicatos de trabalhadores rurais, aproximadamente 150 associações comunitárias e uma organização regional de agricultores ecológicos (AS-PTA. Programa Paraíba).

Agroecologia é uma ciência que pretende contribuir para o manejo e desenho de agroecossistemas sustentáveis, em perspectiva de análise multidimensional (econômica, social, ambiental, cultural, política e ética). Entendida a partir de seu enfoque teórico e metodológico próprio e com a contribuição de diversas disciplinas científicas, a ciência agroecológica passa a constituir uma matriz disciplinar integradora de saberes, conhecimentos e experiências de distintos atores sociais, dando suporte à emergência de um novo paradigma (CAPORAL, et al., 2005 *apud* EGGER, 2016).

Desde 2010, a AS-PTA vem fomentando um trabalho com a juventude camponesa no território do Polo da Borborema. Em 2016, foi realizado um Diagnóstico da Juventude Camponesa com o objetivo de entender as expectativas e sonhos dos jovens agricultores. Esse diagnóstico levantou a necessidade de uma metodologia específica de trabalho com esse público. O que levou a criação da campanha “Não Planto Transgênicos Para Não Apagar Minha História”. Uma das ferramentas utilizadas na campanha foi um vídeo para internet, com o mesmo nome, feito pela AS-PTA com outros profissionais de comunicação e facilitação gráfica.

Agricultores Heróis contra a Transgenia - Análise do Vídeo

As sementes crioulas, cultivadas e conservadas pelas famílias agricultoras há várias gerações em bancos de sementes comunitários, são chamadas de “Sementes de Paixão”.

O objetivo do vídeo produzido pela AS-PTA e pelo Polo da Borborema é explicar a importância do uso e preservação destas sementes para a agricultura e desenvolvimento local. A campanha em si poderia ser considerada um chamado à aventura dos “heróis” agricultores, contudo, desta peça de comunicação criada para jovens resgatarem as sementes e a tradição da Paraíba é possível selecionar elementos se encaixam na estrutura denominada Jornada do Herói.

O vídeo inicia resgatando como a agricultura surgiu no planeta: “(...) Há dez mil anos atrás nossos antepassados viviam da caça e coleta dos alimentos. Com o passar do tempo, e observando a natureza perceberam que poderiam plantar e colher estes alimentos.”(AS-PTA, 2016).



Figura 5 - Frame do vídeo “Não Planto Transgênicos para não apagar a minha história”

Depois apresenta como exemplo da interferência do homem na natureza a mudança percebida nas touceiras de milho silvestre. O uso do milho como exemplo não foi aleatório. Além de vastamente utilizado na região Nordeste do Brasil como base de várias receitas e também alimento para o gado, é uma das culturas com mais incidência de uso de sementes geneticamente modificadas. Na safra do ano do 2013, do total de milho produzido no país, 89,9% era transgênico. (BORTOLETTO e SIQUEIRA, 2014).



Figura 6 - Frame do vídeo “Não Planto Transgênicos para não apagar a minha história”



Figura 7 - Frame do vídeo “Não Planto Transgênicos para não apagar a minha história”- “(...) Por ser tão importante, as sementes se tornaram o verdadeiro patrimônio dos agricultores. As sementes eram guardadas em ‘latões’ no telhado e trocadas entre os vizinhos.” (AS-PTA, 2016)

Após apresentar a história com jeito de “final feliz”, o vídeo apresenta um revés e segue por outro caminho. No trecho “Você sabe o que todos os povos têm em comum? Todos precisam comer! E as grandes empresas perceberam que ter o controle das sementes era um grande negócio, e para ter controle da agricultura, a indústria teve a ideia de criar sementes transgênicas” (AS-PTA, 2016) percebe-se a quebra na linha anterior.



Figura 8 - Frame do vídeo “Não Planto Transgênicos para não apagar a minha história”

De forma bem didática, o material explica que a transgenia pode ser definida como a interferência do ser humano na natureza, realizando cruzamentos genéticos que não seriam possíveis “naturalmente”: “(...) Já viu milho cruzar com bactéria? E peixe cruzar com tomate?(...)” (AS-PTA, 2016)

No minuto 2:28 o vídeo aponta um veredicto, a má notícia, o acontecimento que fará os “heróis” dessa história partirem para a aventura: “Se o milho transgênico cruzar com seu milho crioulo, as novas sementes nasceram modificadas. Então, o milho pontinha, ou o jabatão, perderão suas características originais, apagando anos de história de nossos antepassados”. (AS-PTA, 2016)

Em seguida o vídeo indica que as sementes podem até gerar novas plantas no futuro, mas que as mesmas se enfraquecerão e após algumas colheitas e o agricultor terá que voltar ao comércio para adquirir sementes “novas”: “As sementes que eram um bem

da natureza e de todos, passaram a ter dono! Mas juntos podemos resgatar essa história e criar outro futuro para nossas sementes”. (AS-PTA, 2016)



Figura 9 – Frame do vídeo “Não Planto Transgênicos para não apagar a minha história”

Até este trecho, foram percorridas duas etapas da jornada:

- A situação atual - Plantação e colheita, em que é revelado que indústrias são responsáveis pelas sementes que não duram tantas safras.
- O Chamado à Aventura - A AS-PTA e o Polo da Borborema representam a ajuda experiente aos “heróis”.

Em breve aparecerão os testes e as provações.

A matéria-prima para o seu fio [de Ariadne] de linho foi colhida nos campos da imaginação humana. Séculos de agricultura, décadas de diligente seleção e trabalho de numerosos corações e mãos entraram na colheita, na separação e na fiação desse fio resistente. Além disso, nem sequer teremos que correr os riscos da aventura sozinhos; pois os Heróis de todos os tempos nos precederam; o labirinto é totalmente conhecido. (CAMPBELL, 2013, p. 31)

Quatro são os cuidados para preservar as “Sementes da Paixão”: evitar a contaminação, armazenar as sementes de maneira adequada, não plantar sementes desconhecidas e não utilizar as sementes do programa Venda Direta da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Estes são os testes e desafios pelos quais os agricultores irão passar. Será preciso tomar medidas que protejam as plantas na terra em território aberto e selecionar as melhores sementes para armazenamento. O agricultor precisa ter atenção redobrada com as sementes utilizadas, e principalmente, não terá apoio de órgãos governamentais.

A presença do logo, único no vídeo todo, é a representação do inimigo, momento nenhum do vídeo - fora os créditos - os nomes de empresas ou associações foi utilizado, nem logos. Porém, nesta etapa se faz necessário deixar claro quem pode interferir no sucesso da jornada.



Figura 10 - Frame do vídeo “Não Planto Transgênicos para não apagar a minha história”, disponível no Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=6Kad7X-WMWg>)

Ao “herói” são apresentadas orientações de como não contaminar suas plantações e como armazenar as sementes de forma segura e, caso ele não as possua, onde e como adquirir novas sementes crioulas. “Assim como seus pais e seus avós você se tornará um guardião, ou guardiã, das Sementes da Paixão. Basta você partilhar suas sementes e construir seu banco familiar, ou participar do banco de sementes comunitário”. (AS-PTA, 2016)



Figura 13 - Frame do vídeo “Não Planto Transgênicos para não apagar a minha história”

O desafio de proteger seu cultivo, suas sementes e buscar alternativas aos programas governamentais representam as etapas quatro, cinco e seis da jornada - testes, provações, crise e renascimento. A recompensa de se tornar um guardião das sementes e a possibilidade de construir um banco familiar ou comunitário, representam as etapas sete, oito e nove - recompensa, resultado e retorno para seu mundo. Manter o sistema em funcionamento após estes aconselhamentos são as etapas 10, 11 e 12 da Jornada: nova vida, resolução e situação atual modificada, para melhor. Ainda que o vídeo como um todo possa representar somente a etapa dois - ajuda experiente - ele prevê todos os futuros desafios dos agricultores, mostra caminhos, denuncia inimigos e almeja um “final feliz” apesar das dificuldades.

Tudo lhe foi revelado: o destino dos espíritos e o de Roma, que ele estava por descobrir: “e com essa sabedoria, ele poderia evitar os enfrentar todas as provações”. Retornou, passando pelo portão e marfim, ao seu trabalho no mundo. (CAMPBELL, 2013, p. 36)

Considerações finais

O cinema e a literatura têm explorado a “Jornada do Herói” à exaustão. Atualmente qualquer filme de espionagem, romance, aventura e até mesmo drama é altamente previsível. Entretanto, há alguns filmes, assim como a maioria dos livros, que ainda conseguem surpreender o leitor. Apesar de partirem da imaginação de algumas pessoas, estes meio de entretenimento são controlados por grandes corporações, assim como as grandes empresas que tentam controlar as sementes na agricultura brasileira.

O vídeo analisado neste artigo, bem como a técnica utilizada em sua criação, visam empoderar pessoas, as criativas para quem criem ainda mais, e as consumidoras de conteúdo, para que se coloquem nas situações e vençam suas próprias jornadas.

Uma pesquisa mais ampla sobre a recepção desse vídeo pelos jovens agricultores ao vídeo para comprovar sua plena eficácia é indicada. Contudo, a própria “Jornada do Herói” prevê sucesso em aventuras com um chamado como esse. Assim como a agricultura levou 10 mil anos para ser aprendida e controlada, a volta às origens pode levar um tempo considerável.

A facilitação gráfica, como explicado, consiste em traduzir ideias em palavras-chave e metáforas visuais, pegar algo complexo e simplificar para que possa ser entendido. É necessário possuir uma caneta, um papel e uma boa história a ser contada. Para produção de um vídeo ainda foram necessários aparatos tecnológicos, como câmera e softwares de edição. Ainda assim, esse vídeo é um exemplo de como a produção midiática está ao alcance de qualquer pessoa, organização ou causa.

Referências Bibliográficas

- AS-PTA. **Não planto transgênicos para não apagar minha história**. Vídeo. Rio de Janeiro: 1º set.2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6Kad7X-WMWg>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2017
- BORTOLETTO, Ana Paula, SIQUEIRA JUNIOR, Flávio. Cerveja: o transgênico que você bebe?. Outras Palavras: 28 fev. 2014. Disponível em <<http://outraspalavras.net/brasil/ cerveja-o-transgenico-que-voce-bebe/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2017
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. Editora Pensamento-Cultrix. São Paulo, 2013
- CARVALHO NETO, Moisés Félix. Uso da Facilitação Gráfica na Construção do Conhecimento Agroecológico: Ênfase na Formação de ATER para Atuação Participativa na Perspectiva Agroecológica. **Anais do IX Congresso Brasileiro de Agroecologia**. 2015 In: Cadernos de Agroecologia, vol.10 nº3 Disponível em: <<http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/17987/11373>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017
- DIAGNÓSTICO da Juventude Camponesa mostra novos rumos para o trabalho com jovens na Borborema. **Site AS-PTA**: 2 de mai. 2016. Disponível em <<http://aspta.org.br/2016/05/diagnostico-da-juventude-camponesa-mostra-novos-rumos-para-o-trabalho-com-jovens-na-borborema/>>. Acesso em 13 de janeiro de 2017
- DRAGO, Isabela et. al. Metodologias que estimulam o compartilhamento de conhecimentos: a experiência do Global Forum América Latina - GFAL. **AtoZ**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 38-49, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41282>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017
- DUARTE, Muriel. Facilitação Gráfica da plenária “Sertão do Araripe”. **Anais do III ENA : Encontro Nacional de Agroecologia**. - Rio de Janeiro : Articulação Nacional de Agroecologia - ANA, 2014. Disponível em: <<http://www.agroecologia.org.br/files/importedmedia/anais-do-iii-encontro-nacional-de-agroecologia-ena.pdf>>. Acesso em 13 de janeiro de 2017
- EGGLER, Daniela. Ecologia e saberes: a prática agroecológica na construção do conhecimento no espaço escolar. **Cadernos de Agroecologia**. vol. 11. nº 1. 2016. Disponível em

<<http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/20868/12253>>.

Acesso em: 13 de janeiro de 2017

ESCOLA DE ATIVISMO. **Semeando Ativismo**. Disponível em <<https://ativismo.org.br/project/semeando-ativismo/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2017

MACHADO, Rodolfo. **Os Transgênicos e o Combate à fome**. Jornal GGN. São Paulo: 5 nov. 2012. Disponível em <<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/os-transgenicos-e-o-combate-a-fome>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017

MAIS pessoas morrem por obesidade do que de fome no mundo, diz estudo. **BBC**, São Paulo, 14 de de. 2012 Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/ultimas_noticias/2012/12/121214_obesidade_rn.shtml>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017

MEO, Izabel Marques. **Facilitação Gráfica no Brasil e seu Uso em Projetos Gráficos Editoriais**. 2014. 124f. Monografia (Pós Graduação em Design Editorial) - Centro Universitário Senac, São Paulo.

_____. **Facilitação Gráfica e Seu Uso em Projetos Gráficos Editoriais**. In: Pensacom, 2016, São Paulo

MININNI, Giuseppe. **Psicologia Cultural da Mídia - A Girafa/ Edições Sesc**. São Paulo: 2008

OXFAM. **3 mitos que você sempre ouviu sobre a agroecologia - mas ninguém teve coragem de negar**. 2012. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=FpEL21Lr8kk>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017.

PEDRO, Arlindenor. **Joseph Campbell, que ajudou a ver além da razão**. Outras Palavras: 30 abr. 2012. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/brasil/joseph-campbell-que-ajudou-a-enxergar-alem-da-razao/>> Acesso em 10 de janeiro de 2017

POLO da Borborema e a AS-PTA planejam ações da Campanha “Não planto transgênicos para não apagar minha história”. **Site AS-PTA**: 24 JUL. 2016. Disponível em: <<http://aspta.org.br/2016/07/polo-da-borborema-e-a-as-pta-planejam-acoes-da-campanha-nao-planto-transgenicos-para-nao-apagar-minha-historia/28>>. Acesso em 13 de janeiro de 2017

PORTO, Marcelo Firpo. A tragédia da mineração e a experiência da caravana territorial da bacia do rio Doce: encontro de saberes e práticas para a transformação. **Revista Ciência e Cultura**. Vol 68. Disponível em <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v68n3/v68n3a14.pdf>> Acesso em: 10 de janeiro de 2017

PROGRAMA Paraíba da AS-PTA. **Site As-PTA**. Disponível em <<http://aspta.org.br/programas/programa-paraiba/>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2017

RONALD, Pamela. **The case for engineering our food**. Vídeo. 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=wZ2TF8-PGQ4>>. Acesso em 10 de janeiro de 2017

SAIBA o que são os alimentos transgênicos e quais os seus riscos. Sem data. **Portal do Idec**. Disponível em: <<http://www.idec.org.br/consultas/dicas-e-direitos/saiba-o-que-sao-os-alimentos-transgenicos-e-quais-os-seus-riscos>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017

SANTANA, Bianca et al. A Facilitação Gráfica como ferramenta de construção da Agroecologia. **Anais da XV Semana Científica Johanna Döbereiner** Brasília: 2015.

Disponível em <<http://seer.cnpab.embrapa.br/index.php/scjd/article/view/2562/524>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2016

SIBBET, David. **Reuniões Visuais - Como gráficos, lembretes autoadesivos e mapeamento de ideias podem transformar a produtividade de um grupo**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2013

TRANSGÊNICOS: 10 anos a solta. Entrevista com Marijane Lisboa. **Revista do Idec**. n. 182 - Novembro 2013. Disponível em <<http://www.idec.org.br/em-acao/revista/internet-meia-boca/materia/transgenicos-10-anos-a-solta>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017

USO de agrotóxico no Brasil mais que dobrou em dez anos, aponta IBGE. **Jornal Nacional**. 19 de jun. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/06/uso-de-agrotoxico-no-brasil-mais-que-dobrou-em-dez-anos-aponta-ibge.html>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017

WINKLER, Matthew. **What makes a hero?**. TED-ED: 4 dez. 2012. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Hhk4N9A0oCA>>. Acesso em : 20 de janeiro de 2017